



FACULDADE DE  
CIÊNCIAS E TECNOLOGIA  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

# A escola em Portugal

## Preâmbulo

Este é um trabalho individual da cadeira de Sociologia da Educação sobre o livro “A Escola em Portugal” de Ana Nunes de Almeida e Maria Manuel Vieira do ICS.

O trabalho consiste numa apreciação global do livro assim como comentários e opiniões a certos aspectos contidos no livro que irão sendo divulgados conforme o decorrer do texto.

No final irei então escolher um sub tema de um dos capítulos de livro e exprimir a minha opinião sobre o mesmo.

O livro “A Escola em Portugal” tem um pouco de tudo que já falamos no semestre passado e neste semestre. Então o livro trata de todos os assuntos abordados quer nas aulas de Sociologia da Educação como nas aulas de Análise e Gestão Escolar cadeira dada no semestre passado. Podemos então encontrar assuntos como a autonomia nas escolas, a existência dela ou não, fala também da evolução que tem havido na escola, ou seja, a escola começou a existir só para algumas pessoas, nomeadamente para aquelas que podiam e desde então se tem vindo a criar políticas para que a escola chegue a todos de modo a combater o analfabetismo e literacia e desde finais do século XIX quando apareceu a primeira escolas muitas políticas e regras tem surgido de modo a combater analfabetismo e literacia. Em concreto os níveis de analfabetismo só melhoraram após a escola se ter tornado obrigatória, mas mesmo assim não terá sido o suficiente para que Portugal tenha uns níveis de analfabetismo e literacia baixos. Escola desde a I República que passou de três anos para nove anos de a obrigatoriedade sendo actualmente proposto uma obrigatoriedade de doze anos de escolaridade o que serve não só para combater os altos níveis de analfabetismo mas também para uma melhor instrução da população portuguesa.

No capítulo um e dois do livro descreve a construção da escola portuguesa e a sua comparação com os países europeus de onde se pode verificar que estávamos muito atrasados em relação ao resto dos países europeus, embora tenhamos tido alguns progressos continuamos muito à quem dos restantes. “(…) Na segunda metade do século XIX, Portugal demonstra, no quadro europeu, um atrasado confrangedor no processo de escolarização da sua população infantil e juvenil(…)”. Há um processo de escolarização que até então só abrangia os rapazes mas que na década de 70 começa a integrar também as raparigas.

Depois disto vêm as políticas nem todas elas muito correctas, chegamos então como já foi referido em cima à autonomia. Em 1995 há uma “ (…)  
*descentralização educativa, com a aprovação de um «regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos da educação pré-escolar e dos de ensinos básico e secundário».*”, o Governos tenta arranjar políticas para combater certos aspectos que assombram a população estudantil, principalmente do 2º ciclo para cima, embora tenha políticas implementá-las é difícil, pois quer obter resultados e fazer uma mudança radical em dois dias não funciona, por isso os resultados ao combate de analfabetismo, literacia e abandono escolar continuam iguais, mas já se começa hoje em dia a assistir a uma mudança na educação, as leis/políticas estão finalmente a ser implementadas com pés e cabeça e os resultados aparecem.

O capítulo terceiro do livro muito resumidamente falamos dos problemas que os “media” podem trazer, ou seja, o poder que tem de tornar algo pequeno numa grandiosidade, e neste capítulo assistimos a isso, a um debate público

sobre a escola em que os “media” tem o poder, dramatizar e tornar grande o tema Escola, ou melhor a “crise” na escola.

No quarto capítulo deixamos de falar da escola e sim das pessoas que a compõem, mais precisamente das crianças a sua infância, família e as relações que existem destes últimos com a escola. Neste capítulo também podemos obter os diferentes olhares sobre uma criança. O estatuto que a criança tem hoje nem sempre foi assim, pois antigamente as crianças tinham que crescer muito rapidamente e eram consideradas o “pequeno-adulto” em que já tinha que cumprir tarefas como ajudar em casa, assim como o papel da mãe deixa de ser passivo para se tornar activo, isto é, deixam de ter a seu cargo apenas a educação dos filhos e passam também a trabalhar obrigando assim os pais a participar activamente na educação do filho. É na minha opinião que desde muito cedo se os pais tiverem uma participação activa na educação do filho tanto em casa como na escola contribui de um certo modo para o enriquecimento pessoal e emocional da criança e ajuda na sua boa formação.

No capítulo cinco reporta-nos para a influência que a família tem na escola ou como a família participa e encara as actividades escolares. A visão da família perante a escola também sofreu alterações, antigamente para a família a escola não era nada de importante, o mais importante era como se diz na gíria “meter comida em casa” por isso pouca importância davam à escola, isto também porque as condições de sobrevivência da altura também permitiam que assim fosse, mas essa visão com o tempo tem vindo a mudar sendo que hoje a família dá um grande importância à escola e passo a citar “(…) *a família moderna tem como suporte a escola, de tal maneira que muitos a definem hoje como a «família educativa».*”. Hoje em dia são os pais que orientam os filhos que os colocam nos colégios ou instituições que acham ser as melhores para o seu futuro e outros optam por não quebrar tradições, tudo isto é muito giro mas esquecem o principal interessado o filho! Por isso muitas das vezes vemos filhos de gente de “bem” muito mal comportados e etc… Há também uma abordagem aos nível de escolaridade das mães visto que são estas que mais participam na educação do filho, e neste capítulo diz então que a maioria das crianças em pré-escolar as mães tem grau superior de escolaridade, logo mais escolaridade mais sucesso escolar e mais poder económico ao contrário do que se verifica nas mães com escolaridade baixa em que há um maior insucesso e abandono escolar por parte dos filhos, o que nem sempre é regra e temos vários exemplos desses.

No capítulo seis fala-nos nos novos desafios que a escola de hoje tem de enfrentar tais como: a aproximação das famílias à escola, as alterações demográficas (baixa taxa de natalidade e de fecundidade) e a distribuição (ou a má distribuição) da população no território português. A população portuguesa é envelhecida e com isso chegamos a um novo conceito “educação ao longo da vida”, é então deste modo que achamos os três

principais eixos de actuação: o primeiro é a “alfabetização literal da população (uma educação de segunda oportunidade para indivíduos que nunca tiveram acesso a uma frequência escolar), o “analfabetismo funcional” (incapacidades no domínio da escrita e do cálculo, pouco compatíveis com o currículo formal supostamente adquirido) e o terceiro está relacionado com a educação, mas mais propriamente com a formação e emprego da população adulta. Hoje fala-se muito de “multiculturalidade” na escola, pois hoje isso é muito comum encontrar tirando as escolas privadas e algumas escolas publicas que tem a capacidade de escolher os alunos que as frequentam, isto acontece mais nas escolas publicas que já tem alguma autonomia no assunto mas mesmo que não tenham essa autonomia conseguem dar a volta ao assunto com uma simples palavra “não temos mais vagas”, nas escolas privadas só entra para lá quem tem recursos económicos. Mas hoje a “multiculturalidade” é um problema pois a escola não está preparada para lidar com a diversidade de alunos que nela se encontra sem ligar a pré-conceitos e sem preconceitos e até alguma discriminação, embora se estejam a fazer esforços para que tal não aconteça. “Multiculturalidade” é bom que exista mas como uma chamada disciplina extracurricular onde todos ficam a aprender um pouco uns sobre os outros agora numa sala de aula são todos iguais, o tratamento para mim devia ser igual para todos independentemente da cultura de cada um, uma vez estando num país existe uma “obrigação” de adaptação ao mesmo e não o país/escola adaptar-se a cada aluno que apareça de cultura diferente, há sim que existir o respeito pela cultura mas dentro da sala de aula o método aplicado é igual para todos na minha opinião.

O capítulo sete é totalmente diferente do que tenho lido até aqui, divulgação científica é o que podemos encontrar, o exemplo dado é o próprio ICS da Universidade de Lisboa que tem como objectivo/missão “(…) *abertura à sociedade civil através da promoção de cultura científica junto de públicos amplos e diversificados.*”, a escola passa a ser então um objecto de estudo. Desde 1996 tem vindo a ser criados projectos com a intuição de divulgar a ciência e tecnologias nas escolas de ensino básico e secundário, em 2003 foi também criado o Observatório Permanente de Escolas que tem como objectivo fazer a divulgação do conhecimento científico à comunidade escolar.

### *“Uma educação ao longo da vida?”*

Gostei deste subtítulo pois não visa só levar a aprendizagem aos jovens e crianças mas também à chamada 3ª idade, o problema que existe é que nem todas as pessoas mais velhas tem paciência para aprender, mas que ainda existe aí muito boa gente que gostava apenas de aprender a escrever o nome isso existe e penso que seja por essas que se tem que começar e assim vai

funcionar como um dominó, ou seja, uns vão e os outros vão atrás, mas como também pode ser um bom meio para combater o analfabetismo em Portugal e penso que com os incentivos necessários e com a evolução da nossa sociedade é muito provável que muitos dos idosos do nosso país queiram aprender e a escrever, penso que seja uma boa solução sem obrigatoriedade para nenhum deles aprender algo que não tiveram oportunidade no tempo devido.